

## Revista Geni

Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmicxs, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618

<http://revistageni.org>

---

# Hipnotizadx

*Ao invés de ser um corpo, a pessoa “tem” um corpo, o sonho proprietário do capitalismo primeiro.  
Por Alan Watts*

Publicado em 15/07/2015

Ao ler [“Na Cadeira com Satã”](#) nas discussões da Geni deste mês, me pareceu urgente traduzir um texto vi em um zine *queer* estadunidense, chamado *Gentlewomen of California*, que teve 12 edições de fotocópia entre 1987 e 1993 em Chicago.

Ao pesquisar as frases do texto, que não era assinado, descobri que era um mash-up das idéias presentes no livro *A Joyous Cosmology* do filósofo inglês Allan W. Watts, que também era teólogo e foi um dos grandes responsáveis pela introdução de conceitos orientais na cultura ocidental. É dele um dos primeiros best-sellers sobre budismo, *O Caminho do Zen*, de 1957. Watts também ficou conhecido pelo seus experimentos psicodélicos com mescalina, LSD e maconha, sobre os quais escrevia aberta e apaixonadamente. No zine, de maneira muito pertinente, o texto foi diagramado em forma de cruz. Na tradução, mantivemos em destaque as palavras destacadas pela publicação original.

*Gui Mohallem*

## HIPNOTIZADX

Aos poucos vai ficando claro que uma das maiores superstições é a separação entre mente e corpo. Pois o corpo, tomado como algo separado da mente, é um cadáver animado. Mas ao menos a capacidade de descartar idéias de que uma coisa é mental e a outra é material pode ser vislumbrada. A noção de material vs mental é baseada na falsa analogia de que árvores são feitas de madeira, montanhas de pedra e mentes de espírito. O dualismo entre mente e corpo surgiu como um jeito tosco de descrever o poder de controle que um organismo inteligente pode ter sobre si mesmo: uma inteligência consciente que desce de um reino superior e toma posse de um

## Revista Geni

Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmics, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618

<http://revistageni.org>

---

veículo físico. E assim como a separação entre mente e corpo é uma ilusão, também é a submissão do corpo AOS esquemas independentes da mente. Essa ilusão é tão real como a ilusão de pessoas sob sugestão hipnótica. Ou seja, recebida e não questionada. O organismo humano está realmente se frustrando, impedido da autoparticipação por esse modelo entranhado, dicotômico e convencional. Ao invés de ser um corpo, a pessoa “tem” um corpo, o sonho proprietário do capitalismo primeiro.

Nos últimos dois séculos as culturas monoteístas se posicionaram fortemente e manejaram objetos com uma eficiência surpreendente. Nos anos mais recentes, nossa cultura se deu conta de um universo a ser descoberto: as regiões não mapeadas da consciência. Então aparece o que os primeiros defensores do LSD chamavam de quinta liberdade – a independência da mente instruída – para deixar para trás o conhecimento cultural artificial. A consciência linear é apenas um tipo especial de consciência. Enquanto ela é destilada de si mesma, separada por uma peneira muito fina, existem outras formas potenciais de consciência completamente distintas. Nenhuma percepção de universo na sua totalidade pode ser definitiva se não levar em conta essas outras formas de consciência. Elas impossibilitam um fechamento prematuro de nossas contas com a realidade. O questão oculta é que não podemos funcionar de uma maneira verdadeiramente nova apenas alterando algo tão superficial como a ordem da mente dissociada. O que tem de mudar é o comportamento essencial do organismo.

## HYPNOTIZED

*Slowly it becomes clear that one of the greatest of all superstitions is the separation of the mind from the body. The body considered as separate from the mind is an animated corpse. But we are at least in sight of being able to discard altogether ideas of a stuff which is mental and a stuff which is material. The notion of material or mental is based on the false analogy that trees are made of wood, mountains of stone, and minds*

*of spirit. The dualism of mind and body arose as a clumsy way of describing the power of an intelligent organism to control itself: a conscious intelligence descending from a higher realm to take possession of a physical vehicle. And just as the separation of mind from body is an illusion, so also is the subjection of the body by the independent schemes of the mind. This illusion is as real as the illusion of those under the influence of hypnotic suggestion. That is, received and unquestioned. The organism of man is indeed frustrating itself, cut off from auto-participation by the ingrained and conventional dichotomous model. Instead of being a body he 'has' a body, the proprietary dream of primal capitalism. § In the last two centuries the monotheistic cultures have faced outward and moved objects about with astonishing efficiency. In more recent years we have become aware of the undiscovered universe, the uncharted regions of consciousness. Thus appears the fifth freedom of the early LSD advocates—freedom from the learned mind—to push past artifactual cultural knowledge. Linear consciousness is but one special type of consciousness, while all about it, parted from it by the filmiest of screens, there lie potential forms of consciousness entirely different. No account of the universe in its totality can be final which leaves these other forms of consciousness disregarded. They forbid a premature closing of our accounts with reality. The hidden point is that we cannot function in a truly new way by changing anything so superficial as the order of the dissociated mind. What has to change is the essential behavior of the organism. § Our language almost compels us to express this point in the wrong way—as if the 'we' that must be aware of the organism and respond to it were something apart. Unfortunately our forms of speech follow the design of the social fiction which separates the conscious will from the rest of the organism, casting it as the independent agent which produces our actions. It is thus that we fail to recognize what the agent is. We don't see that it's a social convention, like the intervals a clock produces, as distinct from a biological or even psychological entity. For the conscious will, working against the shove of instinct, is the interiorization, the internal echo, of social demands upon the individual coupled with the picture of her/his role or identity which he/she acquires from parents, teachers and early associates.*

*It's an imaginary, socially fabricated self working against the organism, the self that is biologically mature. § At first sight this seems to be an ingenious device for maintaining an ordered society based upon individual obligation. In fact it is a foolish blunder which has created and is creating many more problems than it solves. To the degree that society teaches the individual to identify with a controlling will separate from her/his total organism, it merely intensifies feelings of separateness, from him/herself and from others. In the long run it exacerbates the problem that it's supposed to solve, because it creates a personality in which an acute sense of responsibility is coupled with an acute sense of alienation. § The induced psychedelic experience enables us to be so absurdly receptive to non-linear logic that one's whole personality begins immediately to be seen for the fabrication that it is. A wealth of possible worlds follows in the wake of cortex-prodding chemicals. But whatever is going on around us, our reality is still a synergetic product of internal and external. You don't "create your own reality" as pop mysticism claims, but you create the larger part of it. Your freedom is much vaster than you realize. The primary lesson to be learned from the psychedelic state needs to be said in myriad ways, redundantly, because most people simply cannot understand it without the actual experience of rapid brain change. Here is one more attempt to state it simply and directly: No objective situation makes a mental state inevitable.*



## Revista Geni

Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmicxs, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618

<http://revistageni.org>

---

Nossa língua quase nos obriga a nos expressarmos da maneira errada – como se “nós”, que precisamos estar atentos ao organismo e responder a ele, fôssemos uma coisa separada dele. Infelizmente nossas formas de fala seguem o mesmo desenho da ficção social que separa a vontade consciente do resto do organismo, colocando-a como um agente independente que produz nossas ações. É aí que falhamos em reconhecer o que é esse agente. Não vemos que é uma convenção social, como os intervalos que um relógio produz, como distinto de uma entidade biológica ou mesmo psicológica. Pois a vontade consciente, trabalhando contra o impulso do instinto, é a interiorização das demandas sociais sobre o indivíduo, o eco interno da imagem de sua função ou identidade adquirida de seus pais, professorxs e primeirxs colaboradorxs. É uma ideia de si mesmo imaginária, fabricada socialmente, trabalhando contra o organismo, o eu que é biologicamente maduro.

À primeira vista, isso parece ser um dispositivo engenhoso para a manutenção de uma sociedade ordenada com base na obrigação individual. Na verdade, é uma asneira insensata que criou e está criando muito mais problemas do que dá conta de resolver. Na medida em que a sociedade ensina o indivíduo a se identificar com uma vontade controladora separada do seu organismo como um todo, ela simplesmente intensifica o sentimento de separação delx com os outros. A longo prazo, agrava o problema que deveria resolver, porque cria uma personalidade em que uma forte sensação de responsabilidade é acoplada a um intenso sentimento de alienação.

## **Revista Geni**

Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmicxs, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618

<http://revistageni.org>

---

## Revista Geni

Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmicxs, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618

<http://revistageni.org>

---

A experiência psicodélica induzida nos possibilita estar tão absurdamente receptivos à lógica não linear que a personalidade começa imediatamente a ser vista como a fabricação que é. Uma riqueza de mundos possíveis segue o rastro dos químicos estimuladores do córtex. Mas o que quer que esteja acontecendo a nossa volta, nossa realidade ainda é um produto sinérgico entre interno e externo. Você não “cria sua própria realidade” como alega o misticismo pop, mas você cria a maior parte dela. Sua liberdade é muito mais vasta do que você consegue imaginar. A lição primária a ser aprendida através do estado psicodélico precisa ser dita de formas das mais variadas, e redundantemente, porque a maioria das pessoas simplesmente não consegue entendê-la sem passar pela experiência de modulação cerebral rápida. Aqui está mais uma tentativa de dizê-la de forma simples e direta: nenhuma situação objetiva torna um estado mental inevitável.

*Tradução de [Gui Mohallem](#)*

*Ilustração: [Gunther Ishiyama](#)*